

Retábulos barrocos micalenses

No Arquipélago dos Açores, o “barroco foi necessidade de sobriedade ou cedência dos aspectos estruturais ao carácter decorativo” (in *Retábulos Barrocos Micalenses: estilo nacional e joanino*, de Sofia de Medeiros, Ed. Artes e Letras, 2012).

No caso específico da ilha de S. Miguel, a arquitectura barroca ficou-se pela fase experimental, em parte devido à inexistência de uma classe de encomendadores cultivada neste campo, à empírica formação dos mestres e à escassez de grandes recursos financeiros para tais empreendimentos.

O mesmo não se pode dizer acerca da talha. A talha barroca micalense, adaptada à arquitectura já existente, acompanhou a evolução verificada no resto do país. A classe de encomendadores poderia não ser tão cultivada e exigente, o isolamento insular e a imposição de gosto regional poderiam ter impedido a aceitação do estilo, mas no que diz respeito a esta manifestação artística, desenvolveu-se plenamente. Destaca-se o sentido comunitário da religiosidade micalense, pela participação de vários grupos sociais na edificação, provisão e manutenção dos templos.

A talha retabular, como manifestação decorativa predominante, desempenhou um papel fundamental, no âmbito estético-religioso, no interior dos templos micalenses. O retábulo barroco surge perfeitamente enquadrado no espírito pós-tridentino, servindo de instrumento programático em que se pretendia estimular simultaneamente a razão e os sentidos, sendo, assim, aplicados com êxito os programas da Contra-Reforma.

A talha retabular de estilo nacional, surge em S. Miguel no último quartel do século XVII, mas, principalmente, no início do XVIII, e a de estilo joanino, a partir do



Retábulo-mor da Igreja do Colégio de Todos-os-Santos, Ponta Delgada (pormenor)

segundo quartel do século XVIII. Aplicada nos retábulos de várias capelas e altares, é, sobretudo, no altar-mor que as formas plásticas assumem uma maior sumptuosidade, conjugadas, por vezes, com abóbadas e ilhargas de caixotões e azulejos. Ainda que não existam igrejas micalenses que se insiram na tipologia das igrejas forradas a ouro, a que se aproxima mais é a Igreja de Nossa S.^a da Conceição (do antigo Convento de S. Francisco, hoje paróquia de S. José, Ponta Delgada) onde a talha se estende por toda a capela-mor, arco do cruzeiro, capelas e

altares laterais, traduzindo uma uniformidade decorativa.

Dos retábulos de estilo nacional, destacam-se os retábulos-mores das igrejas de S. Pedro, da Matriz de S. Sebastião e da referida Igreja de Nossa S.^a da Conceição, todas em Ponta Delgada; o retábulo-mor da Igreja do Convento de S. Francisco, em Vila Franca do Campo, e o retábulo-mor da Igreja de Nossa S.^a das Dores, na Caloura.

Na verdade, a estética barroca portuguesa só se verifica, verdadeiramente, nos finais do séc. XVII, quando no centro de toda a profusão decorativa emerge o trono. A va-

lorização da zona central, característica pela tribuna com o trono, é dos principais objectivos da estrutura retabular. Estes dois elementos veiculam todo o sentido espectacular do barroco, aplicado à liturgia.

Dos retábulos de estilo joanino destacam-se os retábulos-mores das Igrejas do Colégio dos Jesuítas e de Santa Bárbara e os laterais da já mencionada paróquia de S. José (dedicados aos santos João Baptista e João Evangelista; a Santa Rita de Cássia; a Santa Quitéria; e a Santo Antão e Santo Amaro), em Ponta Delgada; e, ainda, o de Santo André, em Vila Franca do Campo.

No domínio execução da talha retabular, persiste o dilema do individual-colectivo. A obra de talha é um produto de uma colectividade, desde o risco à execução, porque o retábulo implica a interferência de vários artistas - entalhadores, ensambladores, douradores. Segundo documentação, os retábulos barrocos micalenses foram produto de artistas regionais, por vezes com colaboração de artistas continentais. Assim, S. Miguel surge como um centro produtivo de talha que satisfaz a maioria das solicitações regionais. ♦

SOFIA DE MEDEIROS
MESTRE EM HISTÓRIA DA ARTE
sofia.gv.medeiros@azores.gov.pt

[A autora não escreve segundo o acordo ortográfico]

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura

Estilo nacional: retábulo de Nossa S.^a do Rosário

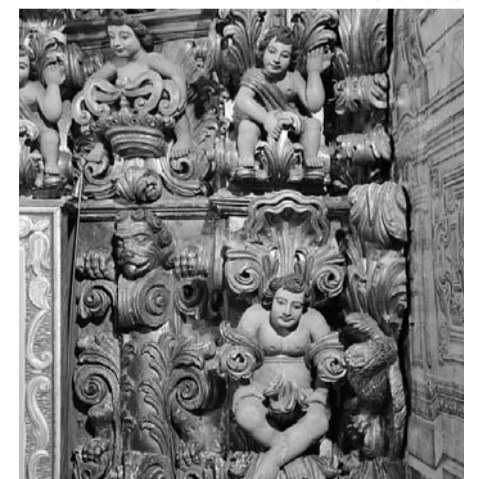
Do **estilo nacional** é de destacar o **retábulo de Nossa S.^a do Rosário**, na Igreja do Convento de S. Francisco, em Vila Franca do Campo, que apresenta uma gramática decorativa diferente dos restantes retábulos da época. São as extraordinárias colunas que ladeiam a tribuna, com uma série de figuras humanas em vazamento, representando camponeses e crianças no trabalho do campo, uns com cestos e outros com foices, e, ainda, pássaros e animais diversos. E, ainda, as figuras que sustentam o



retábulo, mulheres e homens, elas de cabelos compridos e meio-corpo coberto de folhagem e eles de barba e bigode e de corpo inteiro coberto em algumas partes com folhas de acanto, em muito semelhantes a grotescos renascentistas. ♦

Estilo joanino: retábulo de Santo André

Do **estilo joanino**, destaca-se o **retábulo de Santo André**, no convento do mesmo nome, em Vila Franca do Campo. Segundo documentação foi executado pelo imaginário João da Fonseca, em Fevereiro de 1687, e dourado por Manuel Fernandes, em Janeiro de 1688. Todos os elementos decorativos são de extrema minúcia e perfeição, desde as penas dos pássaros aos padrões dos panejamentos, às figuras proporcionalmente correctas e à roupagem policromada com todo o pormenor. Na base apresen-



ta, de cada lado, três figurações diferenciadas: um leão de corpo vegetalista, um atlante de pernas cruzadas e encimado por uma concha, e, finalmente, um friso com folhagem de acanto que tem ao centro uma águia de asas abertas. ♦

ANTÓNIO PACHECO

ANTÓNIO PACHECO

ANTÓNIO PACHECO